

Cinema de Arte

promoção

organização

Acervo Digital

direção

do

Walter

da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

WIGIA TECNICA

Realização — François Truffaut

Argumento e roteiro — François Truffaut e Jean-

Louis Richard

Fotografia — Raoul Coutard

Música — Georges Delannoy

Interpretação — Jean Desailly, Françoise Dorléac,

Nelly Benedetti, Daniel Ceccaldi

24 - Setembro - 1966

"UM SÓ PECADO"

("La Peau Douce")

FICHA TÉCNICA

Realização — François Truffaut

Argumento e roteiro — François Truffaut e Jean-Louis Richard

Fotografia — Raoul Coutard

Música — Georges Delerue

Interpretação — Jean Desailly, Françoise Dorleac, Nelly Benedetti, Daniel Ceccaldi

Produção — Les films du Carrosse — SEDIF — 1964

Tendo sido uma das mais influentes personalidades da jovem crítica francesa, através das colunas de "CAHIERS DU CINÉMA" e "ARTS", François Truffaut transpôs as portas dos estúdios junto com outro jovem crítico que, como ele, lideraria a *nouvelle vague*: Jean-Luc Godard. De ambos, a curta-metragem "Histoire d'eau" seria o primeiro passo em 1957. Truffaut estava com 25 anos, Godard com 27. Truffaut ainda faria outro filme breve: "Les mistons" (1958). Godard, mais dois. E quando estrearam na longa-metragem, respectivamente com "Os incompreendidos" ("Les quatre cents coups") e "Acossado" ("A bout de souffle"), aquele em 1959, este em 1960, se mostraram não só cineastas já formados como temperamentos diferentes. Ainda que "Os incompreendidos" tivesse uma linguagem moderna, "Acossado" no campo da experiência formal era mais audacioso. Truffaut se preocuparia mais com o humano no cinema, Godard com o estilo. A cada novo filme, essas características iriam se acentuar, embora a carreira de Godard viesse a ser muito mais fecunda. Atualmente, julgando-se um e outro pelo êxito crítico ou perante os festivais, se diria que Truffaut avançou menos do que Godard. No entanto, seu prestígio como homem de cinema permanece intangível. Porque ninguém pode esquecer seu primeiro filme, nem "Jules et Jim", que em 1961 trouxe uma nova concepção do amor, desgarrado de preceitos.

Tão sincero em sua obra cinematográfica quanto em sua crítica, está aqui François Truffaut com "UM SÓ PECADO". Pode-se qualificar este filme, como disse Claude Miller ("TÉLÉCINE", n. 117), de uma história banal vivida por gente sem importância. Seus personagens seriam anti-heróis, vivendo por assim dizer uma existência extra-cinematográfica e pouco espetacular. Por que, então, pergunta Claude Miller, a mediocridade desses personagens não impede que o filme seja atraente? Por que o seu comportamento sem surpresas cativa o espírito e o coração? E nos responde: ainda uma vez, o espetáculo da mediocridade não resulta numa obra medíocre. O cotidiano tão de raro mostrado e analisado sobre a tela, adquire um inegável caráter insólito.

Para Truffaut, como "La peau douce" demonstra, as grandes paixões não são destinadas aos sedutores e os grandes amorosos são pessoas como todo mundo. A fim de comprová-lo, ele faz da oscilação o seu estilo: do riso à lágrima, do grotesco ao patético, sempre numa alternância de tom. E dentro desse processo situa Pierre, Franca e Nicole, apanhados num drama de adultério, também vulgar. E pois que a vida é assim, não vasia porém repetida, a própria forma cinematográfica não pode assumir aqui outra aparência senão a de um neo-classicismo, por espantoso num homem da *nouvelle vague*.

Com exceção da crise final, que, segundo o crítico de "TÉLÉCINE", parece por sua natureza estranha um outro filme depois do filme, o relato usa em "UM SÓ PECADO" dois ritmos paralelos. O primeiro

se formaria da nervosidade e rapidez de uma série de sequências breves e dinâmicas, que paradoxalmente correspondem aos instantes menos dramáticos do filme. O segundo se constituiria de sequências em que o tempo nos parece parado, onde não se passaria nada — segundo um conceito dinâmico da ação dramática —, mas na verdade se aplicam aos momentos mais intensos, mais carregados de significação. Como definiu Delahaye a propósito de "Jules et Jim": tudo se constroi de uma série de pontos mortos estranhamente vivos.

A lógica, a psicologia, a musicalidade: eis os componentes de "La peau douce".

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

"VERÃO VIOLENTO", de Valerio Zurlini

"OS SETE SAMURAI", de Akira Kurosawa

"SABOTAGE", de Alfred Hitchcock

"OTELLO", de Serguei Youtkevitch

"DON QUIXOTE", de Grigori Kozintsev

"O 41.º", de Grigori Tchoukhrai

"TUDO ACONTECEU NUM SÁBADO", de Karel
Reizs

"PECADO ORIGINAL", de Jean Cocteau

"OLHO POR OLHO", de André Cayatte